

Mico da Câmara Pereira atua na abertura da 44.ª Feira do Livro do Funchal, na noite de 25 de maio

# “Odeio estúdio. Cantar ao vivo é o que mais gosto de fazer”

## CONCERTO

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

O cantor, que celebrou no ano passado 30 anos de carreira, disse ao JM que se sente, hoje, um músico mais completo e complexo. Mais exigente”.



“O músico só é sério e coerente quando faz a música de que gosta, sem se preocupar com os resultados comerciais. A música vende em função da nossa educação e cultura musicais.

Mico da Câmara Pereira vai marcar presença na abertura da 44.ª Feira do Livro do Funchal, que decorre entre os próximos dias 25 de maio e 3 de junho. O cantor, que celebrou no ano passado trinta anos de carreira, apresentar-se-á diante do público num concerto de cariz intimista, marcado para o primeiro dia do certame, a partir das 20h00, no palco principal, a placa central da Avenida Arriaga.

Entusiasmado com mais este [de-sejado] regresso à ilha da Madeira, Mico da Câmara Pereira disse ao JM que, sendo este um concerto ao ar livre, espera conseguir “um bom compromisso entre qualidade musical e animação”, frente a um público que já o habituou a recepções calorosas, provando ser “conhecedor e apreciador de música portuguesa.” Afirma, por isso, não ter dúvidas de que a noite de 25 de maio será “uma noite muito bem passada”, no tom de um repertório que contemplará, sobretudo, temas do seu

mais recente álbum, ‘A tua Voz é Saudade’, editado em 2016, “um disco com fado”, que o músico dedicou à mãe, e nutrido pelas somas que constroem o seu percurso na música ao longo destas últimas três décadas a viver uma paixão que vem praticamente do ‘berço’. Não é por acaso que o disco conta com a colaboração dos irmãos de Mico, Nuno e Gonçalo da Câmara Pereira, que se juntaram a Luís Represas e à pianista Olga Prats, num projeto que se configura como uma celebração da vida à volta da música.

Além das canções de ‘A tua Voz é Saudade’, o repertório inclui ainda, como, aliás, não poderia deixar de ser, uma incursão pelos seus maiores êxitos, bem conhecidos do grande público. A acompanhá-lo estarão os músicos Luís Petisca, na guitarra portuguesa, Diogo Sotto-Mayor, ao piano, e Manu Teixeira, na percussão.

No que toca à paixão pela música, as palavras não chegam para traduzir uma inclinação que se mani-

festou demasiado cedo para poder ser explicada. “A música veio ter comigo naturalmente. Em casa, ouvia muita música portuguesa e... foi mais forte do que eu.” Não se lembra da vida sem música, nem consegue apontar o princípio dessa veia artística que nunca mais fechou. No entanto, mesmo pelo meio de uma espécie de predestinação, não esquece a influência do irmão mais velho, Nuno, no firmar do sonho, e não se inibe ao dizer que foi graças a ele que se tornou cantor. “O meu irmão Nuno é meu padrinho de batismo e também o meu padrinho musical. Foi com ele que, nos anos 80 e 90, fiz os primeiros concertos como músico profissional, acompanhá-lo, durante anos, nas digressões pelo país e pelo mundo inteiro”, recorda, vincando o quão determinante viria a revelar-se esta partilha, nascida da mesma raiz, da mesma paixão.

Hoje, afirma que se sente um músico “mais completo e complexo. Mais exigente”, gabando-se de ser

um privilegiado. “Tenho a sorte de viver a fazer profissionalmente aquilo que mais gosto, e isso é o mais importante.” Não o incomoda o facto de não vender imensos discos, até porque esse nunca foi o seu objetivo. É uma questão de seriedade, de comprometimento interno. “O músico só é sério e coerente quando faz a música de que gosta, sem se preocupar com os resultados comerciais. A música vende em função da nossa educação e cultura musicais. Quanto mais se educar musicalmente as pessoas, mais exigentes elas se tornam na sua escolha musical.”

É a cantar ao vivo que se sente mais feliz, não troca essa experiência por nada. Na verdade, são escusados eufemismos, percebemo-lo quando, sem ‘panos quentes’, afirma: “odeio estúdio! Cantar ao vivo é o que mais gosto de fazer. Preciso do barómetro do público, de chegar a ele. Dá-me um gozo especial olhar à minha frente e ver as caras de satisfação das pessoas, conseguir partilhar com

elas as minhas emoções. O estúdio é frio demais para mim.”

### MUITOS ANOS DE MÚSICA

Mico da Câmara Pereira editou o primeiro álbum, ‘A Sombra da Lua’, em 1999, narrado em sonoridades jazzísticas. O segundo, ‘Por Viver Assim’, foi lançado três anos depois, em 2002, predominando, neste, sons de pop mais ligeiro, e o terceiro, ‘A tua Voz é Saudade’, inclinado sobre o fado, surgiu em 2016.

O cantor participou três vezes no Festival da Canção, integrando os coros dos temas ‘Amor de Água Fresca’, interpretado por Dina, na edição de 1992, e que, posteriormente, foi à Eurovisão. Fez também parte dos coros do tema ‘Ganhámos o Céu’, defendido por Cristina Castro Pereira, na edição de 1996. A sua última participação aconteceu em 1997, quando integrou o coro masculino do tema ‘Antes do Adeus’, interpretado por Célia Lawson, que carimbou, depois, o passaporte para a Eurovisão. JM